

Argentina: uma economia onde o futuro se confunde com o passado

Perspectivas de médio prazo para o vizinho não são animadoras.

Cenário de pouco alento no mercado de trabalho gaúcho

Taxa de desemprego apresenta estabilidade e subutilização da força de trabalho bate recorde no Rio Grande do Sul.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Argentina: uma economia onde o futuro se confunde com o passado

Perspectivas de médio prazo para o vizinho não são animadoras.

Martín Caparrós, escritor e colunista argentino, cunhou uma frase muito repercutida na semana passada que ilustra de maneira fiel o cenário de seu país: “a Argentina é um país onde, se você for viajar vinte dias, ao retornar tudo mudou, e se você vai por vinte anos, ao retornar não mudou nada”.

A primeira parte dessa frase é, particularmente, uma verdade, pois qualquer evento político-econômico altera consideravelmente as expectativas dos agentes quanto aos rumos da economia argentina. Foi o que ocorreu mais recentemente com o resultado das primárias, quando, na última semana, foi revelada a liderança da chapa Fernández-Kirchner, favorita para vencer as eleições de outubro, à frente de Macri-Pichetto. A resposta do mercado veio com a queda do Índice de Mercado e Valores (MERVAL), que, do início do mês até a última sexta-feira, despencou cerca de 27%, fechando em 30.406 pontos, em contraste com a relativa estabilidade observada durante o mês anterior. Por sua vez, o *Credit Default Swaps* (CDS) de 5 anos, instrumento financeiro usado como medida do Risco País, teve um acréscimo de mais de 1.500 pontos base, aumento substancial que reflete a percepção de uma maior probabilidade de calote da dívida pública. Simultaneamente, houve uma forte desvalorização do Peso, chegando a atingir AR/US\$ 60, que foi contida somente com a venda de US\$ 503 milhões em Reservas Internacionais. Em uma semana, o somatório de toda essa convulsão resultou no rebaixamento do *rating* dos títulos da dívida pública por duas agências de risco.

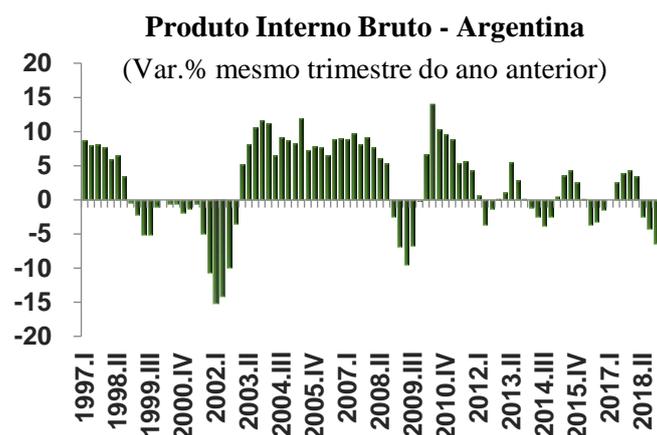
Em meio a essa histeria, um pacote de medidas foi anunciado, contemplando benefícios aos trabalhadores – auxílio extra do programa de assistência social, novo aumento do salário mínimo, etc. – incentivos às pequenas e médias empresas, aumento do valor das bolsas estudantis e congelamento dos preços da gasolina, onde esta última foi revogada. Ainda, o Governo, em comunicado oficial, informou a eliminação do imposto sobre a cesta básica e o congelamento do valor das hipotecas até o fim de 2019. Essa já é a segunda vez no ano que a atual gestão recorre a políticas questionáveis para reverter sua imagem prejudicada pela crise. Em suma, tamanha é a mudança de cenário que nem o viajante mais pessimista conseguiria prever o que ocorreria logo adiante.

Sob a perspectiva da evolução do desempenho histórico do Produto Interno Bruto, a Argentina parece “patinar” e não consegue sair do mesmo lugar há 10 anos, como bem retrata o gráfico ao lado, observação pouco diferente daquela proferida por Caparrós. Após uma grave crise econômica e institucional durante o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, marcada pela dolarização da economia e da moratória da dívida externa, a retomada do crescimento do País veio na

mesma esteira que os demais emergentes, liderado por um setor externo favorável por conta do aumento da demanda mundial por *commodities*. Esse processo de crescimento foi interrompido pela crise financeira de 2009 e, desde então, a atividade econômica alterna entre períodos de expansão e queda com bastante regularidade, denotando um processo de estagnação.

Nos últimos anos, a plataforma vencedora da última eleição presidencial, realizada em 2014, teve como desafio reverter esse quadro de inércia com a promessa de restabelecer a credibilidade do País através da redução do intervencionismo estatal, transparência e, em alguma medida, de um ajuste fiscal. Os primeiros passos vieram da reversão da política de administração de preços, adoção do regime de câmbio flutuante e renegociação da dívida externa. Até então, a opção por um processo de ajuste gradual da economia penalizava de forma mais suave a sociedade argentina, embora fosse um cálculo político muito arriscado, a depender do cenário externo. Não obstante, ao fim do segundo trimestre de 2018, as tensões comerciais entre Estados Unidos e China deflagraram o início de um forte aperto de liquidez global, atingindo com bastante intensidade a Argentina e iniciando um processo de desvalorização cambial. À medida que o Peso foi perdendo seu valor, o repasse de preços à economia, juntamente com as medidas tomadas anteriormente, fizeram com que a inflação ganhasse força de tal maneira que alcançou os patamares atuais de 54,4% no acumulado em 12 meses, mesmo com uma taxa de juros rondando 74,9% a.a.. O insucesso do gradualismo levou a um quadro de crise, insatisfação, inoperância política e reversão dos ajustes anteriormente propostos, dando margem para ascensão da chapa de oposição.

Seja lá quem for eleito para o próximo mandato, o desafio será o mesmo encontrado durante as últimas duas décadas, com o adicional de níveis de inflação e juros elevados, já que o dever de casa não foi realizado. Diferentemente do observado no início do século, dessa vez a economia global não será a responsável por resgatar a economia do nosso vizinho.



Fonte: INDEC, BCRA e OCDE.

Cenário de pouco alento no mercado de trabalho gaúcho

Taxa de desemprego apresenta estabilidade e subutilização da força de trabalho bate recorde no Rio Grande do Sul.

Na última quinta-feira (15/08), o IBGE divulgou os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C) Trimestral, a pesquisa mais abrangente sobre o mercado de trabalho das Unidades da Federação. Em linhas gerais, os resultados revelaram uma evolução não satisfatória do mercado de trabalho gaúcho.

No segundo trimestre de 2019, a taxa de desemprego do Rio Grande do Sul foi de 8,2% da força de trabalho. Na comparação com o primeiro trimestre de 2019, houve aumento de 0,2 ponto percentual (p.p.). Já frente ao segundo trimestre de 2019, o decréscimo foi de 0,1 p.p.. Apesar das diferenças numéricas, vale ressaltar que os cálculos do IBGE apontam estabilidade da taxa em ambas as comparações. No Brasil, a despeito do patamar mais elevado, a evolução foi positiva: a taxa de desemprego foi de 12% no segundo trimestre, apresentando queda tanto na comparação com o primeiro trimestre (-0,7 p.p.) quanto ante o respectivo período de 2018 (-0,4 p.p.).

No segundo trimestre de 2019, o número de desempregados no RS foi estimado em 505 mil pessoas, apresentando pequeno avanço na comparação com o primeiro trimestre do ano corrente (485 mil) e também frente ao mesmo período do ano passado (493 mil). Já o número de ocupados atingiu 5,631 milhões, patamar estatisticamente igual ao verificado no trimestre anterior (5,584 milhões), mas 3,7% acima do observado no mesmo trimestre do ano anterior (5,428 milhões). O aumento de 203 mil pessoas fez o número de ocupados alcançar o segundo maior patamar da série histórica iniciada em 2012, atrás apenas dos quartos trimestres de 2013 e de 2015, que atingiram 5,636 milhões.

No entanto, o elevado número de ocupados deve ser olhado com cautela por dois motivos. Em primeiro lugar, cabe destacar que mais de um terço dos ocupados (35,6%) encontra-se na informalidade, o que representa pouco mais de 2 milhões de pessoas nessa condição. Além disso, dos 203 mil ocupados a mais na comparação anual, 62 mil se enquadram na categoria de trabalhadores por conta própria sem CNPJ, como os motoristas de aplicativos, vendedores ambulantes ou que fazem algum “bico”.

Em segundo lugar, os dados do IBGE mostram que a categoria de trabalhadores do setor privado com carteira de trabalho assinada teve incremento de 89 mil pessoas nos últimos 4 trimestres, um aumento de 4,1%. Porém, os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), base de dados mantida pelo Ministério da Economia e que registra todas as movimentações de empregos regidos pela CLT, revela a criação de apenas 15 mil empregos no mesmo período. As metodologias de apuração são diferentes, mas os resultados, em tese, deveriam estar próximos

por tratarem de vínculos de emprego semelhantes. Entre a pesquisa amostral do IBGE e os registros administrativos informados pelas empresas ao CAGED, é razoável acreditar que o segundo melhor represente a atual situação dos empregos com carteira assinada.

Por fim, os indicadores de subutilização da força de trabalho também apresentaram piora no RS. O número de pessoas ocupadas que trabalham menos do que gostariam, os chamados subocupados por insuficiência de horas trabalhadas, subiu para 306 mil no segundo trimestre de 2019, 48 mil a mais que no mesmo período do ano passado (+18,6%). No mesmo sentido, a força de trabalho potencial, composta por pessoas que não procuraram emprego, mas que gostariam de trabalhar, chegou a 214 mil pessoas, com o incremento de 36 mil na passagem anual (+20,0%). É nessa categoria que estão os desalentados (pessoas que desistiram de procurar emprego), contingente que chegou à marca de 90 milhões, o segundo maior patamar da série, atrás apenas do segundo trimestre de 2017. Considerando as três categorias (desocupados + subutilizados por insuficiência de horas + força de trabalho potencial), a população subutilizada atingiu 1,025 milhão de pessoas entre abril e junho de 2019, o maior valor da série histórica.

Portanto, em geral, os dados revelam um comportamento de pouco alento ao emprego gaúcho: a taxa de desemprego ficou estável e o número de trabalhadores subutilizados bateu recorde. Além disso, um dos poucos indicadores com evolução positiva (o crescimento no número de ocupados) está contaminado pela informalidade e com resultado dissonante do verificado no CAGED. A recuperação da economia é lenta e a história nos mostra que grandes mudanças no mercado de trabalho só ocorrem quando precedidas por taxas consistentes de crescimento da atividade econômica.

Número de subutilizados* no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

* Desocupados + subutilizados por insuficiência de horas + força de trabalho potencial.